

UM ROMANCE SUGESTIVO

O que mais impressiona em *Delfim**, romance que projeta internacionalmente o português José Cardoso Pires, não é a história nem a crítica, por vezes erba, do seu narrador, mas a forma de narrá-la, o que envolve o problema da armação romanesca, separável da ficção moderna. Neste aspecto o livro, agora publicado no Brasil, renova a prosa portuguesa no que ela tem de linearidade narrativa e linearidade de sentimentos.

A história é simples. Sabe-se desde o início que houve uma tragédia no solar à beira da lagoa, num lugar chamado Gafeira, habitado outrora pelos romanos, e deixaram vestígios de sua passagem. Morreu o criado Domingos, que mostrava suas habilidades no domínio de dois cães pertencentes ao senhor, embora fosse maneta, e nos contos do Jaguar. Morreu Maria das Mercês, a senhora do solar, que fazia tricô, lia revistas francesas e servia uísque ao marido. O engenheiro, dono da propriedade, está desaparecido. Dêle chegam notícias contraditórias.

Vida fácil e vazia. A aldeia se prepara para a temporada da caça às aves, quando vem gente de fora. Há, no fundo daquelas três personagens, um desespero surdo e ego. O engenheiro comete esperanças no beber, em falar e em assédio às mulheres. Simboliza para a aldeia o mito do passadinho senhorial alimentado no presente por sua estranha conduta. O mulher consulta horóscopos com quem procura um destino melhor. O taciturno criado mantém força uma dignidade nascida da pobreza. Sonha o engenheiro com um cadáver na lagoa, o seu dever, desde que fosse preservado dos peixes pelo lodo. Mas o apareça morta nas águas é o mulher.

Os pormenores acêrca das mortes surgem aos poucos, em rememoração. Os motivos, no entanto, são hábilmente diluídos na categoria das probabilidades. Nesta débil linha ficcional, não chega a caracterizar o romance de dedução, José Cardoso Pires constrói uma ficção densa e cristalizada, sugestiva. E assim faz porque enfrentou o assunto com uma atitude crítica, e a concepção de romance que

vai além do romance, absorvendo conceitos de crítica e de ensaio. A modernização do romance parece incitar o autor a uma revisão da vida portuguesa, prejudicada, segundo êle, pelo saudosismo com que procura reafirmar-se.

A presença do romancista é deliberada. Além de narrador, êle participa dos acontecimentos, dá o seu testemunho. Nem por isso conduz o romance. *O Delfim* não é obra sua. Seria, quando muito, a sua maneira de se documentar para escrever. "Cá estou. Precisamente no mesmo quarto onde, faz hoje um ano, me instalei na minha primeira visita à aldeia e onde, com divertimento e curiosidade, fui anotando as minhas conversas com Tomás Manuel da Palma Bravo, o engenheiro." Assim começa o romance. O romancista nêle figura como o Autor.

O Autor, sabemos logo em seguida, é o homem que chega à Gafeira para caçar, toma quarto numa pensão, vê o Largo, o solar, recorda coisas passadas e, em função desse mecanismo, faz indagações. Há na Gafeira elementos que influem poderosamente na sua memória. Um deles é a lagoa, que êle divisa pelo halo que ela parece suspender acima de sua superfície. Com êsse artifício, que não é original na ficção mas aqui parece novidade pela forma como é apresentado, Cardoso Pires se dissocia da obra sem sair um só instante do melodrama.

"Eu, senhor escritor da comarca de Portugal, e portanto animal tolerado", diz Cardoso Pires, diz o Autor. Êsse Autor é o lado crítico do narrador. O narrador se limita a recordar, a encadear fatos à medida que êles lhes são despertados ou complementados no seu perambular. O Autor anota pensamentos acêrca de tais lembranças. Está interessado nas conclusões, nos paralelismos. O narrador é uma referência emotiva, o Autor procura generalizar.

Com isto fica o romance concebido em dois planos, permitindo uma visão interior, no tempo exato dos acontecimentos descritos, e uma análise posterior, de fora para dentro. O romance sai do molde artístico convencional, adquirindo a dimensão de um inquérito amplo, em que entram considerações morais, sociológi-

cas, políticas, literárias e até jornalísticas. Cardoso Pires une passado e presente, nas suas frequentes e hábeis incursões aos dois tempos, numa argamassa única de vibrante interesse e indiscutível atualidade.

O romance tem corte social sem implicar necessariamente a demonstração de uma tese. O alvo me parece mais estético do que político. Um dos temas subentendidos é a decomposição, não econômica, e sim moral, de uma antiga família portuguesa. A casa do engenheiro está situada à margem de uma lagoa habitada por aves marinhas, ponto anual de reunião de caçadores. A lagoa parece encerrar algum presságio, tal como, em *A Queda da Casa de Usher*, o sinistro lago que lhe lambia os alicerces e que acaba por sepultá-la. Este paralelismo entre o conto de Poe e o relato de Cardoso Pires já indicaria, por si só, a essência romanesca de *O Delfim*. O indício se reforça na boca de alguns personagens do romance. O batedor acha natural que uma tragédia tenha destruído a casa do engenheiro, em vista dos fantasmas e das danças que a cercavam. A estalajadeira, referindo-se à vida de Maria das Mercês, comenta: "Boa vida, mas infeliz." E logo após, pergunta: "E a minha, será melhor?" A vida da Gafeira continuava a cumprir-se, é bem verdade, "com os olhos na lagoa", mas por força da curiosidade aldeã, de que é um exemplo, no romance, o vendedor de loterias. Quer o romancista declarar com isto que o passado em Portugal está morto, não tem influência no presente ou pelo menos não deveria ter. O saudosismo não se justifica. O Autor zomba claramente do que chama de *portuguesidade e contemporaneidade*.

O cuidado na armação do romance indica novamente a preocupação estética. Não há novidades na técnica de montagem utilizada por José Cardoso Pires. Ela se encontra disseminada pelo romance moderno dos últimos 50 anos. Memorialismo, processo reiterativo, penumbrismo, concepção do romance além do entretenimento, tudo é conquista que as mais recentes gerações literárias passaram a dominar. A carpintaria de *O Delfim*, se quiserem um paralelo, retrocede a Faulkner,

que é sem dúvida um ponto de referência obrigatória no romance contemporâneo. Ao contrário, a escrita de Cardoso Pires é dele, Cardoso Pires. Talvez a possamos aproximar, para efeito de definição, do estilo de Hemingway, com quem ele possui algumas afinidades: condensação, crueldade, sarcasmo, cinismo. Entre as muitas qualidades de *O Delfim* desponta o despojamento da frase, a idéia resumida à sua essencialidade mais recôndita. Paradoxalmente *O Delfim* é um romance literário que não faz concessões à literatura, à prosa de efeito. Não admira, por isso, que pareça um livro singular, isolado numa prosa de ficção, a portuguesa, de há muito definida pela afetividade, pela marca de um lirismo profundo, congênito.

O romance de Cardoso Pires dá margem a várias admirações. Não somente a linha simples de uma história que é habilmente tecida, deliberadamente emaranhada, numa técnica de repetição, retrocesso e comentário que sustenta, no romance policial, o interesse de quem o lê em estado de permanente inquirição. Mas igualmente — e aí entra o lado permanente deste romance — uma prosa nova, áspera, contundente, dissonante e crua, capaz de criar a beleza selvagem de uma tempestade vigorosa. Cardoso Pires, além do prazer que proporciona a sua leitura, contribui pela escrita para uma renovação literária, uma maneira nova de sentir no romance as responsabilidades do romance, e no escritor as responsabilidades da criação literária.

Como em toda obra de confecção fina, há em *O Delfim* o que aprender. A estrutura romanesca solidamente armada ocupa o espaço geralmente preenchido pela narração cronológica, pelo esforço de uma imaginação cingida ao desdobramento episódico. Creio que o ficcionista jovem, em Portugal como aqui, poderá extrair de *O Delfim* uma noção do esforço que requer a arte renovada do romance.

* José Cardoso Pires — *O Delfim*. Editôra Civilização Brasileira, Coleção Caravelas, Volume 1. Rio de Janeiro, 1971, 183 páginas, Cr\$ 18,00.